



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DJULANY YORRANA GONÇALVES

**“NO SERTÃO DE MEU PADRINHO, CABELUDO TEM VEZ NÃO”!!! A
CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO HOMEM CARIRIENSE ATRAVÉS DA
LITERATURA DE CORDEL**

Juazeiro do Norte
2021

DJULANY YORRANA GONÇALVES

**“NO SERTÃO DE MEU PADRINHO, CABELUDO TEM VEZ NÃO”!!! A
CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO HOMEM CARIRIENSE ATRAVÉS DA
LITERATURA DE CORDEL**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Francisco Francinete Leite Junior

Juazeiro do Norte
2021

DJULANY YORRANA GONÇALVES

**“NO SERTÃO DE MEU PADRINHO, CABELUDO TEM VEZ NÃO”!!! A
CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO HOMEM CARIRIENSE ATRAVÉS DA
LITERATURA DE CORDEL**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Francisco Francinete Leite Junior

Aprovado em: 02/07/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Francisco Francinete Leite Junior
Orientador

Prof. Esp. Indira Feitosa Siebra de Holanda
Avaliadora

Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa
Avaliador

“NO SERTÃO DE MEU PADRINHO, CABELUDO TEM VEZ NÃO”!!! A
CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO HOMEM CARIRIENSE ATRAVÉS DA
LITERATURA DE CORDEL

Djulany Yorrana Gonçalves¹
Francisco Francinete Leite Junior²

RESUMO

Esse trabalho teve sua construção marcada entre as vivências acadêmicas e uma constante inquietação sobre a influência da masculinidade dentro da sociedade. Na pesquisa de natureza documental destaca-se a linguagem que é estudada além da decodificação de seus símbolos, mas também enquanto valores e sentido em relação à ideologia e contexto social. O acesso à riqueza desse material, que se encontra dentro da Fundação Memorial Padre Cícero, atualmente detentora de uma das maiores cordeotecas do Cariri, permitiu a construção dessas linhas. Esse estudo tem como objetivos identificar os padrões de masculinidade (hegemônicas) contidos nos cordéis, interpretar o contexto social do homem Caririense refletido nessas fontes, e discutir sobre a relação de virilidade e força na identidade do homem Caririense pela análise da construção subjetiva do homem Caririense nos cordéis. Através da análise do discurso de Foucault e os seus conceitos de discurso e poder, a masculinidade como lugar de interdição, separação e vontade de verdade, utilizou-se também da perspectiva psicanalítica frente aos grupos e a compreensão sobre a masculinidade hegemônica como o ideal de EU, descrito por Freud em Psicologia das Massas, repensando o cordel como literatura representante de seu tempo, construindo um ideal de masculino como ideal de grupo.

Palavras-chave: Masculinidade; Homem; Cariri; Nordeste.

ABSTRACT

This work had its construction marked between academic experiences and a constant concern about the influence of masculinity within society. In the research of a documentary nature, he highlights the language that is studied beyond the decoding of its symbols, but also as values and meaning in relation to ideology and social context. Access to the wealth of this material found within the Padre Cícero Memorial Foundation, currently the owner of one of the largest cordeotecas in Cariri, allowed the construction of these lines. This study aims to identify the patterns of masculinity (hegemonic) contained in the “cordéis”, interpret the social context of the Caririense man reflected in these sources, and discuss the relationship of virility and strength in the identity of the Caririense man through the analysis of the subjective construction of the Cariri man Caririense on the strings. Through the analysis of Foucault's discourse and his concepts of discourse and power, masculinity as a place of interdiction, separation and will to truth, it was also used the psychoanalytic perspective towards groups and the understanding of hegemonic masculinity as the ideal of I described by Freud in Mass Psychology, rethinking the string as representative literature of its time, constructing an ideal of the masculine as a group ideal.

Keywords: Masculinity; Man; Cariri; North East.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: djulany@hotmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: francinetejunior@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre masculinidade no mundo contemporâneo tornou-se o constante explicar da pluralidade que esse conceito apresenta, indo da identificação da semiologia da palavra até a vastidão de sentidos agregados a ela pela e diante a sociedade, espalhada por diversas instâncias e discursos, a masculinidade faz parte da vida de todos nós, afetando direta ou indiretamente cada aspecto da sociedade, seja sobre o homem e o seu fazer sobre o masculino ou sobre a mulher e o atuar e fazer sobre ela.

Na atualidade o pensar e o escrever sobre a masculinidade vem tornando-se um tema constante e relevante, contudo o que encontramos academicamente é uma produção ainda insipiente de trabalhos voltados ao homem, masculinidades e suas emoções, em grande parte encontramos a temática constantemente relacionada a violência contra a mulher, segundo Machado (2008, p. 119) No cenário atual constata-se que o homem está atravessando uma “crise da masculinidade”, presos por muito tempo em um pequeno número de padrões pré-estabelecidos, a contemporaneidade e seus discursos, permite ao homem moderno ter a possibilidade de novas descobertas sobre o que é ser macho e todas as construções diante da construção de tal identidade

Estudar e pensar essa temática se faz importante para construção de um campo teórico sobre masculinidade, esse que se apresenta ainda tão pequeno, de possibilidades sobre o ser homem, e é esse cenário que se deseja construir, onde a pesquisa sobre masculinidade saia de linhas escritas por intelectuais e chegue a esses homens que estão em processo de adoecimento que pode ser facilmente reconhecido dentro da sociedade com o auto número de violência, de vícios e afundados em um distanciamento de suas emoções.

Esse trabalho teve sua construção marcada entre as vivências acadêmicas e uma constante inquietação sobre a influência da masculinidade dentro da sociedade, durante o estágio básico em psicologia essa temática causou uma grande inquietação, fazendo a busca por desvendar o masculino em um campo de pesquisa de destaque para produção do trabalho de conclusão de curso em psicologia.

A escolha das fontes utilizadas fazem também parte dos diferentes caminhos que a psicologia se permite percorrer, sempre ligada as múltiplas áreas do conhecimento, esse estudo bebe da fonte das ciências históricas e sociológicas, buscou-se então encontrar os discursos sobre o masculino em um importante local de distribuição do mesmo, os cordéis os quais por muito tempo nessa terra de sertanejo em grande maioria analfabeto o principal meio de reprodução de informações, discursos e história do seu povo.

Na pesquisa de natureza documental destaca a linguagem que é estudada além da decodificação de seus símbolos, mas também enquanto valores e sentido em relação a ideologia e contexto social. É importante compreender que “no contato do histórico com o linguístico, que [se] constitui a materialidade específica do discurso” (CAREGNATO, MUTTI, 2006, p. 680).

O acesso a riqueza desse material que encontra-se dentro da Fundação Memorial Padre Cícero, atualmente a detentora de uma das maiores cordeotecas do Cariri, permitiu a construção dessas linhas, a Fundação que tem dentro de sua estrutura um auditório, biblioteca e museu é um dos maiores ponto turístico da cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, onde seus visitante tem acesso direto os cordéis, sendo assim ainda hoje os cordéis locais de distribuição sobre os discursos contidos nele, as diferentes masculinidades contidas em alguns dos seus títulos são lidos e relidos por pessoas dos mais diferentes lugares, tonando a escolha dessa fonte um pensar sobre o momento de produção do mesmo, mas também um olhar sobre a permanência desses discurso.

Um dos reflexos da atuação direta desse discurso são as produções literárias, que por muitos anos foram dominadas apenas por homens, refletindo sua imagem e atuação. Esse estudo tem como objetivos identificar os padrões de masculinidade (hegemônicas) contidos nos cordéis, interpretar o contexto social do homem Caririense refletido nessas fontes, e discutir sobre a relação de virilidade e força na identidade do homem Caririense através da análise da construção subjetiva do homem Caririense nos cordéis.

2 METODOLOGIA

A metodologia escolhida para o desenvolvimento desse trabalho é a qualitativa, com procedimento histórico, em uma pesquisa documental que, segundo Caregnato e Mutti (2006), trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido; pode-se afirmar que o corpus da Análise de Discurso é constituído pela seguinte formulação: Ideologia, com a ligação entre o sujeito e seu discurso + história, representando o contexto sócio histórico + linguagem, gerando sentidos, materialidade.

Compreende-se com isso que o material contido nas fontes não está aprisionado em suas linhas, mas que se apresentam como ecos de todos os demais discursos que transpassa o escrito.

Este material foi analisado através da análise do discurso de Foucault e os seus conceitos de discurso e poder, a masculinidade como lugar de interdição, separação e vontade

de verdade, utilizou-se também da perspectiva psicanalítica frente aos grupos e a compreensão sobre a masculinidade hegemônica como o ideal de **eu**, descrito por Freud em psicologia das massas, repensando o cordel como literatura representante de seu tempo, construindo um ideal de masculino como ideal de grupo.

Utilizado como fonte os cordéis que fazem parte da cordeoteca da Fundação Memorial Padre Cicero, composta por mais de 1000 exemplares, variando de títulos, autores e ano de publicação, essa análise documental surge para repensar essas masculinidades descritas por homens nordestinos. Vale ressaltar que, para a psicologia, a análise desses documentos, segundo Nunes, Simeão e Pereira (2020), mesmo diante da busca da objetividade, compreende que essas informações contidas nesses documentos não é um registro isolado, mas que se apresenta como afetados por todas as possibilidades de seu contexto.

Compreendendo todas essas questões de produção e análise desses documentos buscamos construir um caminho para seleção do material a ser analisado nessa pesquisa, o processo de triagem primário se deu em duas etapas, a primeira consiste na exclusão de cordéis que não abordavam diretamente a temática relacionada ao masculino, restando depois 91 cordéis, o segundo momento retirou-se cordéis que não estão relacionados com universo sertanejo, restando 20 títulos que foram analisados ao longo desse trabalho, optou-se por excluir figuras históricas como Padre Cícero e Lampião, por analisarmos que essas figuras vão muito além da temática sobre masculinidade, reconhecendo todo imaginário sobre eles e suas histórias de vida.

Esses documentos estão vinculados a poderes que o autorizam ou não, que os legitimam em certos espaços e os silenciam em outros. Albuquerque Junior (2009) destaca que é importante não analisar esses documentos isoladamente, pois ele está atrelado as relações de pertencimento social e orientações políticas, não sendo jamais obra unitária e totalizadora

3 “MENINA EU SOU É HOMEM, E HOMEM COM H”: ASPECTOS SUBJETIVOS DA MASCULIDADE

Quando eu estava prá nascer,
De vez em quando eu ouvia
Eu ouvia a mãe dizer
Ai meu Deus como eu queria
Que essa cabra fosse home'
Cabra macho prá danar

Ah! Mamãe aqui estou eu
 Mamãe aqui estou eu
 Sou homem com H
 E como sou
 Nunca vi rastro de cobra
 Nem couro de lobisomem
 Se correr o bicho pega
 Se ficar o bicho come
 Porque eu sou é home'
 (Homem com H, Antônio Barros, 1974).

“Seja homem!”, essa crença no princípio universal da masculinidade, que se encontra na natureza com a diferença sexual, é contraditoriamente posta em questão quando se diz “prove que você é homem”. Essa questão não é simplesmente uma busca por delimitações, mas transpassa também a luta por poder contida dentro da nossa sociedade.

Em sua origem o pensamento sobre a sexualidade tem suas bases formadas no modelo no fálico, ligado às diferenças anatômicas, contudo a diferença sexual essa que sofreu alterações fundamentais com o passar dos anos, vemos atualmente uma reformulação sobre o conceito de homem e de mulher, mas essas modificações não ficaram exclusivamente dentro do campo social, Aran (2003) afirma que dentro da psicanálise podemos perceber como a escolarização feminina, a crise da burguesia nuclear, a entrada da mulher no mercado de trabalho e a possibilidade de modificações corporais da atualidade permitiram uma reformulação das teorias sobre a diferença.

Contudo, segundo Butler (2006), não existe diferença entre a lei social e a lei simbólica, as análises que até então delimitavam o sujeito pela diferença anatômica de seus corpos na verdade estava reproduzindo um padrão comportamental da sociedade, onde o próprio simbólico apresenta-se como uma sedimentação do social.

Determinar o que é ser macho é também tomar para si todo o poder que esse significado carrega. Segundo Silva (2000), nos últimos anos, o debate em torno da identidade masculina tem apontado para verdadeira crise da masculinidade do homem contemporâneo. O homem estaria sendo colocado em xeque porque estaria perdendo a noção de sua própria identidade, passando a buscar uma melhor descrição de si.

Contudo, mesmo dentro desses padrões, os processos de construção e reconstrução, se constituem através dessas constantes reproduções e delimitações do que é identidade masculina, e é como reflexo dessa delimitação dentro de um tempo e espaço que a definição de masculinidade se altera. Segundo Honório (2009), essa é uma das grandes questões a ser resolvida sobre a construção da subjetividade masculina, essa necessidade de provar algo que se apresenta como subjetivo, em suas alterações culturais e sociais.

Podemos perceber diferentes olhares sobre os corpos feminino e masculino, de acordo com cada tempo e lugar, esta liquidez de sentidos é também um reflexo do poder exercido sobre os corpos e seus papéis em sociedade, contudo não é apenas a linguística que produz uma dicotomia entre homem e mulher, mas as diversas relações que transpassam esses sujeitos. Segundo Thomas Laquer (2001), a sociedade, amplamente compreendida como competição de poder, criou novas formas de constituir o sujeito e as realidades sociais dentro das quais o homem vivia.

Para compreendermos a construção subjetiva da masculinidade é fundamental perceber como o conceito de machismo se constitui. Segundo Drumont (1980), pode-se definir machismo como um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher.

Entre as relações de dominação existentes na sociedade, há uma em especial que fortalece ainda mais o machismo. O Patriarcalismo, para Pateman (1993, p. 167), é “o poder natural dos homens como indivíduos (sobre as mulheres) que transpassa por todos os aspectos da vida civil.” Se caracterizando pela subjugação de um determinado gênero sobre outro, nesse caso do masculino sobre o feminino, utilizando-se de padrões de gênero impostos pela sociedade. Esse conceito é facilmente encontrado dentro das literaturas que buscam descrever o Nordeste. Albuquerque Junior (2009) destaca que Freyre foi o inventor do conceito de família patriarcal, para descrever as relações familiares no Brasil em especial as famílias nordestinas.

Essas relações seguem uma série de padrões sociais, regras e valores estabelecidos para formar o papel de homem. Esse modelo a ser seguido aparece na vida masculina logo na infância, nos primeiros choros masculinos inicia-se o processo de construção de um padrão, quando há uma repetição da fala “homem não chora”. Segundo Bourdieu (1989), é ainda na família que são ensinados os primeiros modelos sociais de comportamento masculino, então as instituições religiosas contribuem, em sua maioria, com seus dogmas patriarcais, supervalorizando o homem em sua essência.

Santos (2008) destaca como muitos homens aprendem a bloquear os próprios sentimentos a fim de apresentar sua virilidade ao mundo, aproximando-se de um padrão de “macho viril” que é mais aceito dentro da sociedade por ser o padrão de como ser homem.

Esse tipo de masculinidade é difundido na sociedade através das gerações, com os pais ensinando aos seus filhos que homens não demonstram afeto, caso contrário não serão considerados homens de verdade. Silva (2000) apresenta em seu trabalho sobre a construção cultural entre os sexos que, no século XIX, ser homem significava não ser mulher, e ser

mulher estava associado à fragilidade, à expressão de sentimentos. Portanto, para os homens mantedores desse status de macho viril, demonstrar afetividade significava o mesmo que se assemelhar ao feminino.

Entretanto a masculinidade não se manteve estática, podemos perceber mudanças estruturantes para formação de uma identidade de gênero, percebemos no homem moderno múltiplas possibilidades sobre ser homem, e como lidar com seus sentimentos. Apesar desse pluralismo identitário não facilitou a vivência masculina, nos dias atuais, ainda encontramos uma grande barreira entre discursos socialmente aceitos e movimentos de quebra com os paradigmas impostos por um patriarcalismo/machismo, e é nesse momento que compreendemos a grande dificuldade de se trabalhar com o processo de formação identitária em todos os gêneros. Esse processo de formação de um gênero transpassa o biológico, é na ligação entre o indivíduo e a sociedade, que regras e conceitos que são inseridos, e são essas particularidades fundamentais para pensar esse ser dentro do seu gênero.

Na contemporaneidade o que podemos encontrar é uma transformação constante do que é entendido por ser homem. De um lado nós temos um grupo de homens cada vez mais preocupado em construir um novo significado sobre o que foi passado de geração em geração sobre o que é ser homem e por outro percebemos um apego a esses padrões, uma onda forte de pragmatismos e reestabelecimento de um modelo de idolatria, que muitas vezes é encontrado em um ideal de líder, objetivando o que é ser macho.

Segundo Freud, esse ideal de líder pode ser encontrado dentro de grupos, uma busca por unificação entre seus pares, expondo diante disso que “o enigma da influência sugestiva aumenta para nós quando admitimos que uma influência como essa não é exercida apenas pelo líder, mas que também por cada indivíduo sobre cada indivíduo” (FREUD, 1927, p. 193).

A figura do homem/líder pode ser encontrada nesse ideal de nordestino descrito como cabra macho, o homem forte e viril, construído ao longo do tempo, com sua história por sua relação com o poder, seja pela violência, como a figura do lampião, ou por sua influência religiosa e política, como Padre Cícero. Contudo, esse sertanejo, homem comum, também tem sua história marcada por uma série de regras e determinações sociais. Segundo Albuquerque Junior (2003, p. 20), “o nordestino é uma figura que vem sendo desenhada e redesenhada por uma vasta produção cultural, desde o começo deste século. Figura em que se cruzam uma identidade regional e uma identidade de gênero”.

A busca por esse padrão de masculinidade nos leva de encontro com a masculinidade hegemônica, avaliada por Connell (2013) como a masculinidade normativa dessa sociedade,

mesmo compreendendo que ela não se apresenta como estática, só sendo adotada por uma minoria dos homens, a masculinidade hegemônica exige que todos os homens se posicionem em relação a ela e que a mulher seja colocada em uma posição de subordinação diante dos homens.

A masculinidade hegemônica foi compreendida então como conjunto de práticas, ações e padrões que ratificam a dominação masculina perante as mulheres e demais masculinidade subordinadas, sustentada pelo poder a conceito de hegemonia tem suas bases solidificadas ainda pela cultura, das instituições, contudo vale salientar que as hierarquias de gênero são também construções sociais e com isso sofrem alterações através de mudanças históricas.

Muito além de um corpo físico ou de características de personalidade a masculinidade se apresenta como praticas realizadas no conjunto de ações sociais, podendo com isso apresentar diferenciações das relações de gênero, criando um cenário particular, correspondendo ou não ao real, e ao mesmo tempo oferecendo soluções para problemas vivenciados no âmbito social, como as relações de gênero.

4 NORDESTE: MANIFESTAÇÕES DA MASCULINIDADE NO “CABRA DA PESTE”

Cabra da Peste Luiz Gonzaga

Eita! Sertão do Nordeste
Terra de cabra da peste
Só sertanejo arrizéste
Ano de seca e verão
Toda dureza do chão
Faz também duro
O homem que vive no sertão
Tem cangaceiro
Mas tem romeiro
Gente ruim, gente boa
Cabra bom, cabra à toa
Valentão, sem controle
Só não dá cabra mole
Tem cangaceiro
Mas tem romeiro
Lá o caboclo mais fraco, é vaqueiro
Eita! Sertão !Eita! Nordeste!
Eita Sertão!
Ei, rê, rê, rê, rê, tá!
Cabra da peste

(Composição: Luiz Gonzaga / Zé Dantas, 1955)

O “Cabra macho”, valentão, sertanejo, cangaceiro, romeiro e vaqueiro, figuras facilmente reconhecidas no sertão, homens ligados a terra, que segundo Luiz Gonzaga podem ser “gente boa, ou cabra á toa”, o Nordeste com seus nordestinos são construções conceituais ligadas diretamente entre si. O “cabra” nordestino se constitui geograficamente e socialmente, quando os discursos sobre o nordeste começa a ganhar forma e notoriedade, formando junto com ele o nordestino.

Esse estereótipo de “macho” nordestino determinado pelo antropogeográfico e pela biogeografia, segundo Junior e Salmito (2012), é construído pelo discurso regionalista e tradicionalista, figura cristalizada na imagem de um sujeito alicerçado na geografia e no “atraso” do catolicismo popular e violência no cangaço, invocando uma cultura regional diretamente ligada ao homem da terra, criando uma masculinidade hegemônica para o nordeste.

Ser homem no Nordeste é muito mais que uma questão biológica ou de identidade de gênero, existe um padrão social muito forte atrelado a figura de um masculino. O nordestino é macho. Não há lugar nesta figura para qualquer atributo feminino. Na região Nordeste até as mulheres são machos, sim senhor! (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003)

Compreendendo isso é que percebemos como homem nordestino é um reflexo da sua terra, reconhecido pelo conjunto de características e adjetivos que ao longo do tempo foram atreladas a ele. Pensar esse homem é refletir sobre as masculinidades. Tomas Tadeu (2000) afirma, por sua vez, que essas identidades tampouco são fixas, naturais ou predeterminadas. Em suma, a identidade e a diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem.

O conjunto de significados em torno da palavra homem traz à tona um leque de significantes chaves que são fundantes do que é compreendido como identidade nordestina, “antes de tudo um forte” (CUNHA, 1902, p. 47). Os sertões, livro de Euclides da Cunha (1902), nos leva ao mundo do sertanejo nordestino que luta por sua terra e sua fé, a palavra forte é antes de tudo uma determinação do que ele julga definir a característica principal desses homem que ele encontrou em Canudos, e é dentro desse universo de palavras que buscamos compreender essa construção subjetiva de identidade masculina contida nos Cordéis Vendidos no Cariri.

Segundo Bourdieu (2002), a legitimação de um discurso de ordem masculino parte de uma visão androcêntrica, a qual julga-se aplicar como neutra, não tendo com isso uma necessidade de se enunciar, dispensando uma justificativa em seus discursos legitimadores, reafirmando constantemente uma dualidade entre o que é masculino e feminino e seus lugares

simbólicos, e é dentro desses lugares que a fundamentação sobre o nordestino se constitui. Esse privilégio masculino é também nocivo para esse homem. Existe o que Bourdieu (1989) chama de tensão e contenção permanentes, criando uma masculinidade que precisa constantemente de reafirmações de virilidade.

Segundo Almeida (1996), a masculinidade hegemônica é um dos elementos centrais nos elos que se constitui o gênero. Partindo do vivido e do social, dentro dessas masculinidades encontraremos o “patriarcado” o qual definirá o feminino e as masculinidades subordinadas como inferiores. A utilização da masculinidade hegemônica serve ao mesmo tempo para reafirmar e deter poder sobre o grupo pertencente a essa classe como para delimitar e controlar os demais grupos a ela não pertencente, novamente jogando esse sujeito a necessitar socialmente “provar” que sua masculinidade está dentro dos padrões pré-estabelecidos pelas ordens vigentes.

Essa delimitação se dá também no que entendemos como masculino e feminino em nossa sociedade, uma divisão social dualista, que é, segundo Bourdieu (1989), uma oposição entre o masculino e o feminino, alto/baixo, em cima/ em baixo, seco/ úmido, surgido com o objetivo de sustentar essas oposições mutuamente por suas dialéticas, e com isso sustentando também o que é chamado de divisão dos sexos, uma busca pela legitimação da força masculina em contrariedade a mulher como sexo frágil, definindo essa divisão como “natural” dentro dos ciclos biológicos e sociais, tornando essas fontes legitimadoras um ciclo de relações que são responsáveis por sempre se sustentarem em uma ordem de discursos.

Essa naturalização da divisão e da ordem das representações faz com que o discurso sobre os corpos tome forma no mundo social, legitimando os lugares de dualidade entre eles dentro da sociedade, o homem como viril, ereto, em cima, reto, simbolizado pelo símbolo para cima e a mulher como campo a ser fertilizado, frágil, em baixo, com seu símbolo para baixo.

Durante o XIX, segundo Albuquerque Junior (2003), alguns nomes – tendo como principal representante Gilberto Freyre – tornam-se responsáveis por reconstruir esse Nordeste, uma tentativa de combater uma sociedade que segundo Freyre estava se feminilizando, movimento que aconteceram naquele momento histórico como abolição da escravidão e o movimento republicano, para Freyre uma afronta aos modelos sociais tão importantes para manutenção das hierarquias na sociedade nordestina.

Foi a partir de então que houve a utilização do discurso buscando a manutenção dos privilégios de uma elite dominante, combatendo qualquer prática que não ratificasse os objetivos desse grupo social e de intelectuais, o nordestino é. Um homem de costumes

conservadores, rústicos, ásperos, masculinos; um macho, capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise; um ser viril, capaz de retirar sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003).

O movimento de resgate desse modelo hegemônico não acontece pacificamente. Nesse momento, no Brasil como um todo, outros modelos de masculinidade e acessão de novas classes que até então foram vistas como a margem dessa sociedade aristocratizada acontecem simultaneamente. Segundo Albuquerque Junior (2003), os discursos masculinos temia a disseminação de tudo que é visto como feminino na sociedade, por isso uma luta constante de manutenção dos movimentos patriarcalista e paternal, visto que esses se encontravam fragmentados e em ruína devido às novas práticas.

Com o processo de alteração das práticas e costumes que alterava-se a passos largos na sociedade, uma constante ornamentação do vestir e se apresentar, reflexo direto da sociedade europeia houve um choque cultural direto com o esse movimento de ratificação dessa sociedade patriarcal, criando ao lado da masculinidade hegemônica outros tipos de masculinidades, contudo essa figura que se apresenta como totalizante e diversas vezes limitantes ganharam espaços dentro desses sujeitos e dessas terras, fabricando o “cabra da peste”, “Cabra-macho”

O caminho para delimitar um discurso sobre a região não se deu de forma individualizada ou deslocada de sua geografia, quando falamos dessa terra reunimos uma série de recortes que são fundantes quando pensamos nordeste, são sua geografia, práticas e costumes, dentro desses contextos vemos surgir a identidade nordestina, com seus elementos e sujeitos, seja eles o beato, retirante, praieiro, cangaceiro e matuto, com suas características relacionadas ao trabalho, virilidade e fé. Segundo Bourdieu (2002), a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço.

Encontramos essas figuras dentro de diversos discursos, sejam literários, jornalísticos e nos aqui analisados, Cordéis, uma masculinidade hegemônica, modelo a ser alcançado pela sociedade, a qual, segundo Almeida (1996), apesar de constantemente ratificado, não é atingível, contudo, exerce sobre homens e mulheres um efeito dominador, e legitimador de uma ascendência social dos homens.

A descrição desse sertanejo, homem do interior com suas práticas e costumes peculiares, sua roupa de couro e seu instrumento de trabalho, perpetuará no imaginário sobre

o sertão, mas esse movimento de construção subjetiva e imagética desse sujeito transpassará o século XIX ao qual foi responsável por sua construção, ele até hoje será parte de livros, artigos, jornais ou mesmo pesquisas acadêmicas ele será responsável diretamente pelas constantes práticas sociais da região, o homem nordestino passa por necessidade de provas constantes de sua virilidade.

5 MASCULINIDADES EM CORDEL: A SUBJETIVIDADE DO HOMEM CARIRIENSE

Chega cedo a Juazeiro
 Nas terras do Ceará
 No sertão do Cariri
 Pra os íntimos é Jua
 Sua vinda é promessa
 Ele vem sempre pagar
 [...] Em Juá tem amizade
 Amigos e até amores
 Além de sua beleza
 Das árvores e suas flores
 Tem festa e proteção
 Na procissão de Das Dores.
 (Ivaldo Batista, 2018, p. 01-05)

A discussão em torno da conceituação sobre masculinidade atravessa as disciplinas ditas como humanas, que por muito tempo estiveram atreladas ao campo das ciências sociais, História e Antropologia. Contudo com o avanço do campo da Psicologia, como uma nova forma de pensar surgiu, dando ênfase a dimensão subjetiva e junto com ela a dificuldade em fundamentar esse conceito dentro de um campo teórico que mantivesse bases firmes dentro das teorias psicológicas.

A subjetividade masculina não pode ser analisada como distante das relações com o social, o homem se utiliza das produções humanas e de suas particularidades e singularidades, mas essa relação não se faz de forma unilateral, esse ser e se fazer homem é uma constante troca, e essa relação constitui o psiquismo (SILVA, 2009).

Foucault (2002), nos ajuda a pensar na introdução de seu livro *A Arqueologia do Saber* que um conceito não é um refinamento contínuo, mas que é formado por seu processo, conjunto de regras e abstrações e fundamenta-se em torno dos meios teóricos. Segundo Gonzalez Rey (2005, p. 19), a subjetividade é “um sistema complexo capaz de expressar através dos sentidos subjetivos a diversidade de aspectos objetivos da vida social que concorrem em sua formação”.

Através desse estudo começamos a pensar a masculinidade diante de suas relações sociais as quais se repetem e se legitimam ao mesmo tempo, nos levando a uma aproximação ente a linha de pensamento de Foucault (1979) sobre o discurso, além da articulação com a perspectiva psicanalítica através da discussão sobre a psicologia das massas.

Diante dessa perspectiva, com seus membros múltiplos e com regras em constante ratificação e retificação, se faz possível analisar os documentos escritos sobre os homens e também compreender as regras e discursos surgem em torno de tal tema.

A análise documental produzida nesse estudo tem como recorte geográfico o Cariri Cearense, local reconhecido como celeiro cultural do Ceará. O que se destaca nessa região como campo desse trabalho é seu alto índice de violência contra a mulher e uma produção de discursos “patriarcalista” e “heteronormativos” tanto no contexto social como também materializado em sua longa produção documental.

Uma das principais materializações desse imaginário sobre o masculino no Cariri é o cordel. Tal produção configura-se como folheto de origem Francesa, disseminado entre a classe camponesa devido a sua produção em papel barato, preços baixos, e escrita em versos, chegando ao Brasil com o período colonial. Segundo Meyer (1980), no Nordeste essas histórias narradas nos campos e fazendas de gado e cana de açúcar se proliferaram, diante de uma longa tradição ibérica e junto ao campo diversos de folclore nordestino.

Durante o período colonial a falta de editoriais dificultou o processo de difusão dos folhetos, o uso da oralidade com menestréis do sertão se faz o principal meio de disseminação desse tipo de cultura. Foi apenas com a chegada da imprensa no Brasil e a abertura de pequenas tipografias que o campo para disseminação do cordel começou a surgir no sertão nordestino, à utilização de máquinas antigas, obsoletas para grandes tipografias são usadas para ampliar a produção desses folhetins, outro fator importante dessa disseminação foram os vendedores ambulantes, vendendo de porta em porta pelo sertão adentro, em feiras livres folhetos de baixo custo e de linguagem popular (MEYER, 1980).

Para Mota (2002), a cidade de Juazeiro do Norte torna-se campo fértil para produção e venda de cordel. Juazeiro tem sua história atrelada à migração de pessoas devido ao fenômeno religioso, sendo o processo migratório dessa região fundamental para mistura de culturas e desenvolvimento econômico, dando origem com isso ao que é conhecido como celeiro cultural juazeirense, passando a ser alvo de uma cultura incomum, a inserção da produção da literatura de folhetos de cordel, as diversas narrativas que foram produzidas passaram a delinear elementos simbólicos dentro da cultura poética do mundo sertanejo.

As fortes convicções
 De quem mora no Nordeste
 Resiste aos preconceitos
 Por que é cabra da peste
 Não liga pro preconceito
 Nem nada que o manifeste

A cidade invadida
 Às vezes causa espanto
 Os fies ali no Horto
 Veneram o Padre Santo
 Escuto sua cantigas
 As letras e todo seu canto

Lá nada tem carestia
 De tudo ele vai levar
 Alho, rede e santinho
 Tudo ele vai comprar
 O preço é bem baratinho
 Nem precisa Pechinchar.

(Romeiro do Padre Cícero, 2018, p. 03-04).

Segundo Junior e Salmito (2015), o cordel por muito tempo foi analisado como inferior, devido ao embate travado com a cultura erudita, porém a linguística rica em potencialidade de comunicação desse tipo de escrita tornou-se uma manifestação de uma visão de mundo, toma corpo de versos e rimas por meio do folheto que pode ser caracterizado enquanto mídia radical quebrando o silêncio ensurdecido de uma classe reprimida e esmagada socialmente, quebrando paradigmas tidos como universal. Por outro lado, como se já não bastasse esse patamar de inferioridade que ganha, os meios visibilizam uma literatura de cordel predominantemente masculina. Ou seja, uma literatura que enquanto mídia tem um discurso dominante na construção de mecanismos comunicacionais, cria um estereótipo de imagem do ser masculino nordestino.

Diante da importância do cordel como representante da cultura nordestina e do seu valor para disseminação desta, decidimos por utilizá-lo para análise documental proposta nesse trabalho. Foram utilizados como fonte os cordéis que fazem parte da cordeoteca da Fundação Memorial Padre Cícero, composta por mais de 1000 exemplares, variando de títulos, autores e ano de publicação, de acordo com Castro (2008). Pensar essas produções de documentos, criados e conservados é questionar sobre a constituição dos mesmos e sobre as relações de poder que detém.

A análise documental surge nesse contexto para repensar essas masculinidades descritas por homens nordestinos, utilizando de seu linguajar e uma arte própria para contar as vivências e o seu olhar sobre o homem em sua terra. Segundo Castro (2008), o documento

não é uma prova da verdade e sim um artefato cultural e histórico e pode ser guardado em arquivos, bibliotecas e museus. Sabe-se que algo se torna documento por meio de relações entre valores, memórias, temporalidades e espaços específicos.

Segundo Foucault (1971), o discurso pode até aparentemente não ter seu valor revelado, mas que ele tem sempre seu vínculo atrelado ao poder, podemos articular com isso que mesmo o discurso, de linguajar simples e cotidiano como é o caso dos folhetins de cordéis surge com vínculos entre o desejo e o poder, facilmente encontramos em suas linhas o relato de histórias mirabolante das mais diversas, seja contos sobre grandes figuras históricas como presidentes, padres e cangaceiros, mas também um forte imaginário sobre o lugar social de cada parte que forma o nordeste.

Nessa direção, recorreremos a Lacan (1969-1970/1992), destacando que o homem é compreendido através da linguagem se constituindo, portanto, como macho a partir de uma narrativa, distanciando assim dos enunciados que priorizam a natureza biológica do que é ser homem. As narrativas de diferentes autores discorrem sobre as diferentes interpretações sobre a constituição da masculinidade, porém mesmo com suas diferenças conceituais todos nos apresentam a importância de compreendermos o homem através do discurso produzido sobre o mesmo, preocupando-se em manter uma aproximação com o contexto histórico e social dessas produções e de suas influências e objetivos.

Ambra (2015) traz em seu texto a compreensão de que o homem precisa ser pensado como sujeito de um discurso, sendo a bricolagem entre a montagem de uma fantasia, que se baseia conceitualmente com o peso do político e do histórico, ele aproxima sua pesquisa das formas de sexualização desse sujeito, formulando que o homem tem sua estrutura ligada ao pilar totêmico que goza sem limites.

A construção literária referente ao nordeste apresenta-se por muitas vezes como estereotipada, o sertanejo forte e destemido, com sua virilidade imponente e a mulher que trabalha e serve a esse senhor, marido, pai, padrinho ou coronel. Contudo, Albuquerque Junior (2003) nos traz uma nova perspectiva dessa construção, essa família patriarcalista se constituiu através de uma tentativa de resgate de um passado agrários Nordestino, ligado aos engenhos e ciclos econômicos de grande poderio no nordeste dos séculos anteriores, modelo de sociedade que no século XIX começava a ruir, uma luta entre um passado glorioso que se buscou resgatar e a sociedade moderna que para esse grupo é vista como feminilizada.

A crise do modelo patriarcalista no Nordeste reflete também como a figura paterna ganha novo status dentro dessa sociedade, em *Totem e tabu* (FREUD, 1913 -1987) delimita o mito fundador da sociedade, do homem primitivo, descrevendo uma figura mitológica

poderosa que será detentora do poder entre o grupo, um pai que afasta seus filhos homens e que mantém relações sexuais livremente com as demais mulheres do grupo, essa figura masculina poderosa será assassinada por seus filhos, que com o uso da violência retoma o poder para o grupo, com isso reconhecemos o uso da violência muito marcado no processo de fundamentação da masculinidade, seja dentro de uma descrição mitológica do que é ser homem, pai ou filho, ou mesmo no reconhecimento dessa violência no processo de reafirmação dessa masculinidade nos cordéis.

O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição, e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião (FREUD, 1913-1987, p. 170)

Esse pai ganha ainda mais força depois de sua morte, causa sentimentos ainda mais controversos nesses filhos, por um lado o desejo de retomada e distribuição do poder que até então era delimitado pelo pai e por outro uma identificação com esse pai, tomado para sim algumas de suas características como a força e a virilidade e tornando as proibições que depois do assassinato seriam permitidas como a relação com pessoas da mesma tribo em tabu.

Esse tabu permeia o imaginário da sociedade ainda na contemporaneidade. O homem primitivo que deve buscar manter relações com pessoas de tribos ou clãs diferentes do seu, pode ser faz parte do imaginário do Nordeste com *status* de tabu necessário para organização social. No cordel *O trauma de Chico Zeca* (1998), o personagem, matuto conhecido por ser galanteador, acaba por um infortuno do destino tendo relações sexuais com sua mãe, desesperado com o acontecido. “O Zeca caiu de quatro, e se danou a chorar, pediu perdão ao Senhor, e começou a rezar”. Surge um sentimento de culpa nesse sujeito, o qual Freud (1913-1987) relata ser também um dos sentimentos encontrados nos filhos que precisaram tomar o lugar do pai primitivo, o medo da punição pela quebra com das regras totêmicas, reconhecida na necessidade que o personagem tem de comunicar-se com a divindade e pedir perdão.

Nos cordéis analisados aqui encontramos figuras masculinas dos mais diferentes tipos, seja “o cabra que achou a Borná de Lampião (2008)”, “Mané do fole (2013)”, “João Peitudo o filho de Lampião e Maria Bonita (1988)”, destacando em seus textos o ideal de masculinidade hegemônica através da força, o homem que precisa destacar-se pela destreza e pela violência, baseadas em um modelo de homem que detém para si o poder sobre os outros.

Para prender João Peitudo
 Mas, em casa, João disse:
 A esses sete não iludo
 Boto todos pro hospital
 Com farda, arma e tudo.
 (Abraão Batista, 1988, p. 17).

Foucault (1971) destaca que a escrita do autor não se distancia do que é vivido em sua época, seja no mecanismo de escolha da escrita ou de exclusão e modificação, por mais que essa narrativa seja inventada, todo o imaginário que a percorre, todo esse jogo de diferenças é prescrito pela função autor, tal como ele a recebe da sua época, ou tal como, por sua vez, a modifica, a violência contida no texto não foge do contexto social nordestino ao longo da história, a sociedade vista como “patriarcalista” na formação do nordeste tem suas bases em estruturas sociais com modelos o coronel, o padre, jagunço e vaqueiro, figuras que reafirma seus lugares perante a sociedade com o uso da violência.

Estas figuras e os discursos sobre elas são ao mesmo tempo lugar de dominação e fonte de disseminação desse poder, seja na escrita destes cordéis, no uso da violência ou na necessidade constante de reafirmação de uma virilidade. O cordel intitulado “*Dicionário para quem gosta daquilo roxo*” de autoria do cordelista Abraão Batista, publicado em (1991), traz em suas linhas o linguajar sertanejo comum nesse tipo de literatura, dá seguimento as bases de sustentação da masculinidade hegemônica através do conceito de virilidade, esse que se apresenta como fundamental na formação do que é compreendido sobre ser macho.

Ser Macho como o preá
 Ou forte como o leão
 Ter a robustez do touro
 Ser sagas como o canção
 Ter a ciência da cobre
 E o valor de um dragão
 [...] Estas são as qualidades
 Que se deseja no sertão
 Quando nasce um filho homem
 O pai vai logo com a mão
 Para ver se “aquilo” é roxo
 E não sofrer decepção.
 (Abraão Batista, 1991, p. 1).

Quando reconhecemos a descrição de masculinidade contidas nesse trecho como o padrão de discurso sobre a constituição sobre ser macho nos cordéis, compreendemos que faz parte do imaginário dessa fonte um ideal de macho, que precisa constantemente de uma reafirmação social da sua masculinidade, nascer com “aquilo roxo” pra não causar decepção ao pai, o qual servirá de modelo a ser seguido pelo filho. Segundo Freud (1921, p. 179), a

identificação ao pai tem como objetivo a configuração do próprio Eu, semelhante ao “modelo”, identificação afetiva essa que apresenta-se como uma das mais antigas manifestações, o menino a Priore identifica-se com o pai, mas essa identificação terá destino entre tornar esse pai como objeto que se gostaria de SER ou naquilo que se gostaria de TER.

Para Ambra, o homem modesto cria constantemente representações de virilidade com o objetivo de reafirma o que supostamente é perdido com a chegada da modernidade, as constantes lutas do passado visto como glorioso do Nordeste também é o resgate de modelos idealizados de virilidade e força em contraste do que é imaginado como a femilização da sociedade descrita por Albuquerque Junior (2009). Se o homem moderno cria discursos sobre uma virilidade ausente, o nordestino busca além de discurso, atuação de sua virilidade, “ter aquilo roxo”.

Fui criado por um jeito
 Com fundada filosofia
 Pra lutar pela justiça
 De esmero pleno e guia;
 Depois de velho, mudar?
 Não dá pra se acreditar!
 Quem achar ruim, me sorria.
 Quem quiser que seja guêi
 Lésbica, desmulhecado
 Usar barba e “aquilo” rachado;
 Nem que mande eu pro brejo
 Mesmo assim, eu não vejo
 De como eu ser mudado.
 Peço perdão asos baitolas
 Lésbicas, guêis, e satanás
 Sou pelo livre arbítrio
 Não importa o que se faz
 Seja homem, também mulher
 Só quero o meu viver em paz.
 (Abraão Batista, 2018, p. 7).

Repensar o contexto social do sujeito através das características do discurso e de sua construção cultural e até mesmo geográfica no leva a compreender como o processo de formação identitário do sujeito é delimitado pelo emaranhado de relações, o homem nordestino tem sua formação diretamente ligada ao pertencimento a sua terra e os diversos discursos sobre ele, indo de uma formação atrelada a já descrita aqui masculinidade hegemônica até as diversas possibilidades de masculinidade, vale ressaltar que não se pode destacar apenas um fator preponderante para formação desse sujeito, o que fizemos aqui foi elencar alguns dos pontos que percebermos um maior destaque dentro do recorte que propomos. Como Costa (1989 apud SILVA, 2006, p. 121-122) explica:

A identidade é formulada por sistemas de representações diversas, e corresponde ao modo como o sujeito se atrela ao seu universo sociocultural. O conflito identitário se dá quando o processo ou desempenho identificatórios são atravancados por contradições internas a um sistema ou por incompatibilidade entre sistemas diversos, não conseguindo realizar as exigências da norma identificatória e vindo o sujeito a sofrer psicologicamente, sendo sua identidade interpretada como desvio da normalidade.

Esse cabra macho, homem delimitado pelas fontes aqui utilizadas, reflexo de uma masculinidade hegemônica permeia quase como por totalidade os discursos contidos nos cordéis, contudo como vimos até então não é apenas no universo literário que essa delimitação se faz tão forte, encontramos esse discursos muito divulgados nas praticas sociais e no campo de formação desses meninos, a linguagem usada para constituir esse sujeito, “ter aquilo roxo”, é amplamente divulgada, usando diversas nomenclaturas, a figura do pai e da mãe, responsáveis direto desse processo de formação tem papel fundamental na construção dessa identidade, segundo Wang, Jablonski, Magalhães:

Como a questão da construção psíquica da masculinidade se encontra sempre inserida num contexto social, faz-se mister examinar como se dá o processo de socialização através do qual o menino será transformado num homem adulto. Esse processo contará com a participação ativa de todos aqueles que lidam direta ou indiretamente com ele, e será responsável por sua aproximação dos ideais culturais da sociedade a que pertence. Esses ideais definem papéis, prescrevem padrões e ditam normas de comportamento que fazem parte do sistema de crenças lenta e continuamente apresentado ao menino (WANG, JABLONSKI, MAGALHÃES, 2006, p. 55)

Encontramos nas fontes utilizadas um reflexo direto dos discursos que são passados de gerações em gerações, contudo refletir sobre a construção de masculinidade tornou-se de suma importância para compreender os processos de formação do homem, como também quais as possibilidades da masculinidade diante das transformações sociais, o que por muito tempo esteve enrijecido diante de uma masculinidade hegemônica hoje caminha por novos horizontes.

Percebemos com isso que mesmo diante uma baixa produção academia voltada para compreender o processo de formação da subjetividade masculina o campo de estudo é amplo, os primeiros passos dessa jornada ainda estão sendo dados, e com isso a abertura para compreender esse universo que é o homem biopsicossocial diante de sua subjetividade, a crise da masculinidade descrita aqui, seja diante das possibilidades que surgem ou mesmo na tentativa de resgate de um passado compreendido como glorioso, de dominação masculina, tornou-se também uma oportunidade de escrever, construir ou reformular.

Diante dessas linhas percebemos que analisar a subjetividade do homem nordestino é pensar também em sua terra, no lugar social que ele ocupa e nas gerações que vieram antes dele, é através destas características que podemos analisar a particularidade que é ser um “cabra da peste”, viril como sua terra e resistente como a planta que teima em nascer na caatinga, logo, percebemos que muito além de um processo de estagnação o movimento em defesa do que é ser homem nordestino se faz também como processo de solidificação de uma cultura. Com isso, se faz de suma importância construir novos caminhos, com objetivo de unir a cultura masculina nordestina e um o desenvolvimento saudável da humanidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se propôs a analisar a construção subjetiva desse homem Cariense na literatura de cordel e foi através dessa análise que conseguimos identificar os padrões de masculinidade hegemônicas contida nos cordéis e interpretar como os cordéis refletem um contexto social da masculinidade nordestina ao mesmo tempo em que examinamos o contexto social do homem nordestino, compreendemos também como a relação de virilidade e força estão presente na formação de identidade desse homem, contudo isso tudo se fez possível com o entrelace entre essas fontes e a bibliografia utilizada, a análise do discurso Foucaultiana e a abordagem psicanalista frente aos grupos ampliou o olhar sobre essa pesquisa.

Esses documentos foram escolhidos por trazerem em suas linhas a vida desses homens que são ao mesmo tempo escritores de suas linhas e atores de suas histórias, que trazem no cordel o universo sertanejo, de homens que são múltiplos, mas que se ligam pelo pertencimento ao laço forte que o ser nordestino carrega.

O discurso sobre a masculinidade contido nos cordéis é um reflexo de um padrão de identificação social sobre o masculino, percebemos ao longo desse estudo que os discursos fazem parte de todo imaginário nordestino sobre o que é ser e se fazer homem, as linhas dos cordéis aprisionaram muito além de um fazer poético que permite sua construção, mas também a vivência cotidiana de seus autores.

Concluirmos com isso que reconhecer as particularidades no processo de formação da masculinidade se faz de suma importância para buscar o lugar que esse homem pode construir para si, e o grande desafio dessa construção é de não ser fundamentado dentro de bases de uma masculinidade tóxica para si ou para o próximo, mas que a construção permita um novo olhar sobre esse sujeito, transformando esse olhar em um exercício permanente da psicologia,

das ciências e principalmente dessa sociedade. É o homem diante da sua subjetividade que melhor pode perceber e transformar ao homem.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Discursos e pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 203-25.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Nordestino**: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.
- AMBRA, Pedro. **O que é um homem?**: Psicanálise e história da masculinidade no Ocidente. São Paulo: Annablume, 2015.
- ARÁN, Márcia. A Transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Ágora**: Estudos em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 49-63, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3765/376534571004.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BUTLER, Judith. **Bodies that matter, on the discursive limits of "sex"**. New York/ London: Routledge, 1993.
- BUTLER, Judith. **Défaire le Genre**. Paris: Éditions Amsterdam, 2006.
- CABRA da peste. Intérprete: Luiz Gonzaga. Compositor: Zé Dantas e Luiz Gonzaga. São Paulo: RCA Victor, 1955. Disponível em: <https://youtu.be/poJWxP84Cps>. Acesso em: 04 Jul. 2021.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/714/71415417.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- CONNELL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. **Perspectivas:** Revista de Ciências Sociais, São Paulo, v. 3, 1980. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/108171>. Acesso em: 22 abr. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **L'ordre du discours**. Paris: Éditions Gallimard, 1971.

FREUD, Sigmund. (1921). **Psicologia de grupo e análise do ego**. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, v. 18, p. 89-179, 1974.

FREUD, Sigmund. (1913). **Totem e tabu**. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, v. 13, p. 13-191, 1987.

FREUD, Sigmund (1927) **O futuro de uma ilusão**. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, v. 21, 1996.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Editora Pioneira Thomson Learning, 2005. 205 p.

HOMEM com h. Intérprete: Ney Matogrosso. Compositor: Antônio Barros. In: NEY Matogrosso. Rio de Janeiro: Universal Music, 1974. 1 disco vinil, lado A, faixa 5 (2 min 57s).

HONÓRIO, Maria das Dores. Cabra-macho, sim senhor! Um estudo sobre a masculinidade no Nordeste do Brasil. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 1., 2009, Curitiba. **Anais [...]**, Curitiba: UFPR, 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/52035963-Grupo-de-trabalho-1-genero-corpo-sexualidade-e-saude-cabra-macho-sim-senhor-um-estudo-sobre-a-masculinidade-no-nordeste-do-brasil.html>. Acesso em 14 dez. 2020.

JUNIOR, Ribamar José de Oliveira; SALMITO, Ricardo Rigaud. O medo do homem de não ser macho: desconstrução de masculinidade no "homem mole" em três cordéis nordestinos. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 17., 2015, Natal. **Anais [...]**, Natal: Intercom, 2015. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-2335-1.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Tradução: Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. (Seminário originalmente proferido em 1969-1970).

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**. Tradução: Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MACHADO, F. Grupo de homens: repensando o papel masculino na sociedade contemporânea. **Pesquisa Psicológica**: Revista Científica de Psicologia, Maceió, v. 2, n. 1, p. 1-31, 2008.

MEYER, Marlyse. **Autores de Cordel**. São Paulo: Abril Educação, 1980.

MOTA, Leonardo. **Sertão alegre**: poesia e linguagem do sertão nordestino. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Fortaleza: ABC Editora, 2002.

NUNES, Denise Bacellar; SIMEÃO, Elmira; PEREIRA, Ondina. A prática da pesquisa documental em Psicologia. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 339–359, 2020. DOI: 10.26512/rici.v13.n1.2020.29608. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/29608>. Acesso em: 23 abr. 2021.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Tradução: Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

POMBO, Mariana. Crise do patriarcado e função paterna: um debate atual na psicanálise. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p. 447-470, dez. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652018000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 abr. 2021.

SANTOS, Jane Paim dos; BERNARDES, Nara M. G. Percepção social da homossexualidade na perspectiva de gays e de lésbicas. **Psicologia e práticas sociais**, Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 289-296. Disponível em <http://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-27.pdf>. Acesso em 19 nov. 2020.

SILVA, Flávia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia da educação**, São Paulo, n. 28, p. 169-195, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 abr. 2021.

SILVA, Sergio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 118-131, mar. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v26n1/v26n1a11.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, p. 73-102. 2000.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do sul de Portugal. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, v. 20, n. 1, p. 161–189, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6602>. Acesso em 20 nov. 2020.

WANG, May-Lin; JABLONSKI, Bernardo; MAGALHÃES, Andréa Seixas. Identidades masculinas: limites e probabilidades. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, 54-65, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682006000100006&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 24 maio 2021.

8 ANEXO A - TABELA DE CORDÉIS

AUTOR	TITULO	PUBLICAÇÃO	ANO	TEMA CENTRAL	TIPO DE HOMEM
ABRAÃO BATISTA	OS 2 JOVENS QUE ANDARAM 122 LEGUAS PELO PODER DO PE. CÍCERO	ABRAÃO BATISTA	1988	A saga de dois homens de Recife a Juazeiro	Astutos,
ABRAÃO BATISTA	O RAPAZ QUE FUGIU DA MORTE E MORREU	ABRAÃO BATISTA	JN 04/1985	A morte de um capataz do coronel	Poderoso, bom e valente.
ABRAÃO BATISTA	OLHA AI “AQUILO ROXO”	ABRAÃO BATISTA	1991	O homem viril	Sexualmente ativo
ABRAÃO BATISTA	JOÃO PEITUDO, O FILHO DE LAMPIÃO E MARIA BONITA	URCA	28 de julho de 1988	Biografia de um homem conhecido por sua força e coragem.	Forte, destemido, atleta, respeitado, brigão.
ABRAÃO BATISTA	A QUESTÃO DO CAMPONÊS COM O CORONEL HUMBERTO E A PROMESSA AO PE. CÍCERO	Abraão Batista	JN agosto 1978	Disputa de poder entre rico e pobre	Coronel, jagunço e agricultor.
ALBERTO PORFIRIO	A MORTE DE JOÃO QUINCÓ PELO CANGAÇEIRO MACILON LEITE EM 1927	ABRAÃO BATISTA	1997	O sertanejo que enfrentou o cangaceiro	Sério, honesto, disposto, honrado. valente
ASSARÉ PATATIVA DO	O DOUTOR RAIZ	Gráfica Lira Nordeste	Desconhecido	O matuto que não quer mais trabalhar na roça, acha o trabalho muito pesado, resolvendo virar vendedor de raiz mesmo sem ter nenhum conhecimento sobre isso.	Matuto, safado e preguiçoso porque não quer trabalhar na roça, charlatão
ASSARÉ, PATATIVA DO	APOSENTADORIA DE MANÉ DO RIACHÃO	Desconhecido	Desconhecido	Um homem que passou a vida toda trabalhando, mas não conseguiu a aposentadoria porque a burocracia era muito grande.	Veja moço, o grande horrô. Sei que vou morrer depressa, Bem que a cigana falou que eu nasci foi de trevesa, Cheui de necessidade

					vou Vivê da caridade, Uma ismola cidadão! Lhe peço no Santo nome, Não dexa morre de fome O mané do Riachão. Trabalhador pobre, luta diária.
BATISTA IVALDO	ROMEIRO DO PADRE CICERO É ASSIM	Ivaldo Batista		A chegada de um romeiro a cidade do Padre Cícero	Piedoso e forte, cristão
EVANGELISTA, LUCAS	AS PRESEPADA DE ZÉ DAVI	desconhecido	2008	O homem que não queria trabalhar e virou sanfoneiro, mas não sabia tocar.	Não quer vida na roça, beber cachaça,
EVANGELISTA, LUCAS	O CABRA QUE ACHOU O BORNA DE LAMPIÃO	desconhecido	2008	Lampião e seus cangaceiros	Ríspido, matador, agido,
FORTES SOBRINHO	MANÉ BOBÃO E SUAS PROESAS	Fontes Sobrinho	2008	Homem virgem e como pouca instrução, vivia a fugir do trabalho	Virgem, bobo, analfabeto, atrapalhado
JERISMAR PINTOR	MANÉ DO FOLE	Jerismar Pintor	2013	Um grande sanfoneiro	Macho,
LUCAROCAS	FERROLHO DE CABARÉ	LUCAROCAS	2007	Um homem casado que gostava de curtir a noite e acabou se apaixonando por uma moça do cabaré	Safado,
LUCAROCAS	O RAPAZ QUE ACABOU O NOIVADO POR CIÚMES DO VIBRADOR	Desconhecido	Desconhecido	Um homem que comprou um vibrador a pedido da namorada	APAIXONADO
LUCAROCAS	O TRAUMA DO CHICO ZECA	LUCAROCAS	1998	O homem conquistador que dormiu com a mãe por engano	Matuto, amuado, gostoso, jeitoso, namorador, conquistador,
LUCAROCAS	RECLAME DE TRABALHADOR	LUCAROCAS	1986	Os preços dos alimentos	trabalhador
RODRIGUES, ESTEVÃO	DISCUSSÃO DE UM TRANSVIADO COM UM ROMEIRO	Desconhecido	Desconhecido	O homem que perdeu a fé	
ABRAÃO BATISTA	Os maridos que trocam as suas esposas por outras de outros maridos	Memorial do Cordel	2018	Não é do Juazeiro	Não é do Juazeiro
ABRAÃO BATISTA	Dicionário para quem tem “Aquilo” roxo	ABRAÃO BATISTA	1991	A visita de Color de Mello ao Juazeiro do Norte.	Ser macho como o preá ou forte como o leão, ter a robustez do touro, ser sagaz como o canção, ter a ciência da cobra e o valor de um dragão.

					<p>Ter o perfume de uma rosa a destreza dum beija-flor, ter a visão de uma águia, ter do Sol o seu ardor, ser duro tal diamante ser querido como o amor.</p> <p>Estas são as qualidades que se deseja no Sertão, quando nasce um filho homem o pai vai logo com a mão, pra ver se “aquilo” é roxo e não sofrer decepção.</p>
PATATIVA DO ASSARÉ	Brosogó, Militão e o Diabo	Lira Nordestina	1993	O sertanejo enganado pelo coronel	<p>Sertanejo: Ingênuo, honesto</p> <p>Coronel: Trapaceiro,</p>

(Fonte: Elaborado pela autora, 2021).